

Caracterização semântica do T.A.T.*

FILIPPE REIS **

1. INTRODUÇÃO

É reconhecido que entre os testes projectivos, o T.A.T. não goza da mesma popularidade, por parte dos psicólogos, que o teste de Rorcharch. Isto deve-se não só ao uso generalizado deste último como complemento do diagnóstico psiquiátrico, mas também às dificuldades de análise das respostas do primeiro. Estas são na verdade mais difíceis de tipificar porque a uma «denominação» no Rorcharch contrapõe-se uma «narrativa» no T.A.T. Por outro lado as gravuras do T.A.T. têm na indução das respostas uma importância diferente, já que umas são mais estruturadas que outras e esse facto é relevante, pois as primeiras induzem narrativas mais semelhantes entre si do que as segundas. Neste ensaio retomamos a análise de alguns dados obtidos em trabalhos anteriores, quer feitos individualmente, quer em colaboração com outros autores.

O primeiro desses trabalhos, não publicado, foi por nós realizado em 1973. Nele ensaiámos a metodologia posteriormente utilizada. Mais tarde, em 1977 e 1980, com a colaboração de estudantes de psicologia, retomámos o estudo das mesmas hipóteses; de que maneira a conotação das narrativas era induzida pela conotação das gravuras? Como se estruturam essas

narrativas, consideradas como produções dramáticas ou fantásticas do imaginário dos sujeitos narradores?

Sendo as respostas ao T.A.T. «narrativas», histórias onde se descrevem as peripécias de um ou mais personagens, é natural que a análise do «discurso» do sujeito-narrador seja objecto de estudo do psicólogo. Este facto remete-nos para a linguística, pois sendo a ciência que estuda a linguagem está no centro de todo este processo.

Para o psicólogo a linguagem é instrumento e objecto de análise. Nas suas origens apresenta-se como colectiva, nas manifestações como individual, mas sempre complexa na totalidade.

Saussure, F. (1960), um dos fundadores da linguística moderna, dizia «tomada no seu todo a linguagem é multiforme e heteróclita, abrangendo vários domínios. Simultaneamente física, fisiológica e psíquica, ela pertence ao domínio individual e ao domínio social, não se deixa classificar em nenhuma categoria de factos humanos porque não sabemos como destacar a sua unidade».

No plano da «interacção» o sujeito falante materializa a língua através da fala, combinando os códigos da língua e exteriorizando essas combinações.

Quer na relação psicoterapêutica quer na interpretação diagnóstica o psicólogo é um prático da interpretação. Mas interpretar pressupõe que aquilo que se interpreta tenha um sentido, que resta encontrar.

Segundo Todorov, T. (1978), «Um texto ou um discurso tornam-se simbólicos a partir

* Trabalho apresentado no I Simpósio de Investigação Psicológica em Portugal — L.N.E.C. — 1983.

** Médico e Psicólogo, Interno de Psiquiatria, Hospital de Santa Maria.

do momento em que, por um trabalho de interpretação, neles descobrimos um sentido indirecto». É este simbolismo que procuramos na análise do discurso dos sujeitos, quando submetidos por exemplo à situação de teste, como no caso das «associações livres» ou das histórias induzidas por estímulos figurativos, caso do T.A.T.

Certamente não haverá uma interpretação unívoca e o psicólogo terá de recorrer a várias formas de interpretação a fim de, por convergência, obter aquela que mais se coaduna com o observado. De facto, na análise das narrativas do teste de apercepção temática, só o conhecimento clínico, isto é, singular do sujeito testado, poderá retribuir alguma validade às ilacções que a análise das histórias nos permitem formular acerca dele. E porque o simbólico não se esgota num único modo de análise, este nosso ensaio tenta abarcar, com esse objectivo, a procura de invariantes nas histórias do T.A.T., através de diferentes modos de análise: a identificação de «histórias tipo», a análise das «fantasias projectadas», a «análise actancial» e de «transformações actanciais» das narrativas, assim como as «conotações semânticas» e os «temas» mais frequentes.

Com estas diferentes contribuições pretende-se obter uma caracterização semântica das gravuras e das narrativas projectadas. Trata-se de um estudo experimental de amostra reduzida com indivíduos apenas do sexo masculino, de idades entre 20 e 40 anos, e com nove gravuras do Teste de Murray (1, 3BM, 5, 6BM, 7BM, 10, 12M, 13MF, 20).

2. CONOTAÇÃO SEMANTICA E INDUÇÃO CONOTATIVA

Para Osgood, C. (1957), a «conotação semântica» é uma particularidade do significado dos conceitos. Mediada pelas experiências, cognições e emoções dos sujeitos, traduz por essa razão os afectos ou as atitudes vivenciadas por estes relativamente ao conceito em questão. Fundamentado neste ponto de vista e um pouco à semelhança dos testes de associações de palavras, construiu um instrumento de análise conotativa de conceitos a que chamou «diferenciador semântico». Trata-se de um conjunto de escalas bipolares de adjectivos antónimos, distanciados por sete espaços e validados factorialmente.

Para a análise conotativa «universal» identificou Osgood três factores, ou dimensões ortogonais; a «avaliação», a «intensidade» e a «actividade». Em 1977 e 1979, ao aplicarmos o diferenciador semântico a algumas gravuras do T.A.T. e respectivas histórias, com intuito de conhecer não só quais as conotações dos diferentes estímulos mas também a sua presença ou ausência nas histórias, constatamos, para uma população do sexo masculino, que algumas dessas gravuras tinham uma conotação definida altamente correlacionada com a conotação das histórias.

Por outro lado, outras havia sem conotação definida, quer nas gravuras quer nas histórias.

Para as nove gravuras estudadas foram as seguintes as conotações semânticas estatisticamente significativas (Quadro I):

QUADRO I

1	3BM	5	6BM	7BM	10	12M	13MF	20
— positivo	— negativo				— positivo		— mau	— passivo
— quente	— pessimista				— bom		— pessimista	— frio
	— pesado				— optimista		— pesado	
					— quente		— excitável	
					— leve			
					— forte			

As correlações (Bravais-Pearson) entre as conotações das gravuras e as conotações das

narrativas foram as seguintes (Quadro II):

QUADRO II

1	3BM	5	6BM	7BM	10	12M	13MF	20
0,80	0,88	0,40	0,70	0,0	0,84	0,41	0,82	0,74

Estes dois aspectos, «conotações das gravuras» e sua correlação com as «conotações das narrativas», possibilitou-nos elaborar uma «tipologia» das gravuras e relacioná-la com outras formas de análise. Se considerarmos que os coeficientes de correlação exprimem um grau de semelhança entre as conotações das gravuras e as conotações das histórias, podemos inferir que nos casos em que esses valores são maiores haverá uma mais forte «indução conotativa» das histórias pelas gravuras.

Esta indução, dependente da composição figurativa do estímulo, relaciona-se não só com o seu grau de estrutura simbólica como com a apreensão gestaltica que o sujeito faz das mesmas.

Assim, podemos, de forma apriorística, classificá-los, consoante o valor do coeficiente de correlação, em gravuras de *forte indução conotativa*, se estão compreendidas entre 1 e 0,75 (gravuras 1, 3BM, 10 e 13MF), de *média indução conotativa*, se compreendidas entre 0,74 e 0,50 (gravuras 6BM e 20) e de *fraca indução conotativa*, se entre 0,0 e 0,49 (gravuras 5, 7BM e 12M).

Em termos de conotação semântica, as gravuras geram nos «sujeitos/narradores» um estado emocional que projectam nos personagens das histórias. Com o emprego do «diferenciador semântico» identifica-se essa tonalidade emocional ou «afecto projectado», como positivo ou negativo, consoante os estados emocionais dos sujeitos e as características envolventes do drama vivenciado projectivamente.

Se articularmos as induções conotativas com as conotações semânticas chegamos à seguinte «tipologia das gravuras» (Quadro III):

QUADRO III

Indução forte	Com afecto positivo	Gravura 1
		Gravura 10
	Com afecto negativo	Gravura 3BM
		Gravura 13MF
Indução média	Com afecto negativo	Gravura 6BM
		Gravura 20
Indução fraca	Sem afecto definido	Gravura 5
		Gravura 7BM
		Gravura 12M

Verifica-se nesta tipologia que as gravuras de «indução forte» e «média» revelam nos seus personagens um estado de afecto definido. As gravuras de «indução fraca», não revelam nenhum estado definido. Mas porque estas constatações são características médias das gravuras pode acontecer que um narrador projecte histórias que não sigam estes padrões, o que por si poderá ser, em termos de diagnóstico psicológico, relevante.

Analisemos o seguinte exemplo de uma narrativa dada à *gravura 13MF* de «indução forte» e «afecto negativo». As conotações da gravura são: «pessimista», «mau», «pesado» e «excitável»:

«Noivos!? Recém-casados. Ele chega a casa e encontra a mulher, que tanto ama, doente. Está a pensar no que há-de fazer. Sai e resolve chamar o médico. Este chega, mas não consegue diagnosticar a mulher. O médico sugere-lhe a hospitalização. Chega ao hospital e não há vagas.»

Exemplo de narrativa para a *gravura 10* de «indução forte» e «afecto positivo». As conotações da gravura são: «positivo», «quente», «bom», «optimista», «leve» e «forte»,

«Aqui duas pessoas conjugam-se num sentimento terno com um ambiente calmo que pode, portanto, ser passível de um sentimento de ternura e em que cada um se concentra na atitude do outro e o seu desfecho será um entendimento profundo entre essas duas pessoas.»

Exemplo de narrativa para a *gravura 6BM*, «indução média» e «afecto negativo»:

«Existe um desentendimento entre a mãe e o seu filho. A mãe não se sente feliz com ele, talvez o filho tenha tido atitudes que despertassem uma certa expectativa na sua mãe. Ela ralha com o filho.»

Em comparação com as gravuras de «forte indução conotativa», as narrativas dadas às outras gravuras apresentam uma maior versatilidade de temas e conotações semânticas.

Os temas foram também estudados ao pedirmos aos sujeitos a quem passamos o teste que adjectivassem com «títulos» as gravuras antes de narrarem as histórias. Obtivemos assim uma lista de «adjectivações temáticas» mais frequentes (Quadro IV):

QUADRO IV

1	3BM	5	6BM
pensamento	cansaço	curiosidade	ansiedade
reflexão	desejoso	espanto	angústia
sonho	angústia	familiar	aprensão
frustração	pensamento	procura	diálogo
meditação	solidão	surpresa	discussão
dúvida			novidade
			preocupação
			sentimento

QUADRO IV

7BM	10	12M	13MF	20
ansiedade	ternura	doença	angústia	solidão
conselho	amor	hipnotismo	remorso	noite
conversa	ansiedade	magia	tristeza	inverno
morte	contacto	morte	violência	vigília
	paixão			

Estas «adjectivações temáticas» estão, em geral, de acordo com a conotação semântica e reflectem os estados emocionais dos «sujetos» das narrativas.

3. ANÁLISE ACTANCIAL

Ao analisar os contos populares russos, V. Propp (1978) encontrou uma constância estrutural que antecedia o próprio narrador. Estes contos são constituídos por um conjunto de «funções» e de «actores» que se mantêm de um conto para o outro.

Os universais do conto popular são inerentes ao próprio acto de narrar e têm mais a ver com a manifestação, no indivíduo, do que é colectivo, do que propriamente com a diversidade dos narradores.

Quando ao passar o teste de Murray, ou outro idêntico, pedimos aos sujeitos para narrarem uma história, estamos a remetê-los para a área das representações actanciais colectivas onde os actores desempenham funções determinadas. Foi este tipo de factos, tal como referimos, que V. Propp constatou e que Greimas estabeleceu numa «isotopia» fundamental para a análise estrutural das narrativas.

Uma «isotopia» é, segundo Greimas (1970) citado por Courtes, J. (1979), «um conjunto redundante de categorias semânticas que torna possível a leitura uniforme da narrativa, tal como resulta das leituras parciais dos enun-

ciados e das resoluções das suas ambiguidades, e que é guiada pela busca da leitura única».

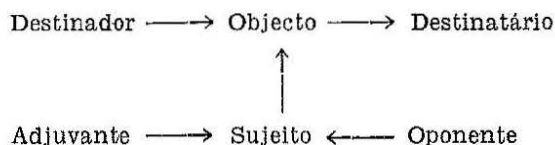
As categorias semânticas definidas por Greimas (1966) articulam-se segundo três eixos: o eixo do «desejo», com as categorias «sujeito» e «objecto»; o eixo do «saber», com as categorias «destinador» e «destinatário»; e o eixo do «poder», com as categorias «adjuvante» e «opponente».

O «sujeito» é aquele que pratica a acção, o «objecto» aquele que sofre a acção.

O «destinador» é o determinante da acção e o «destinatário» aquele que recebe essa determinação. Trata-se, neste eixo, de uma relação assimétrica que vai no sentido do primeiro para o segundo.

«Adjuvante» e «opponente» são duas categorias actanciais simétricas, a primeira agindo como facilitadora do desejo e a segunda como opositora desse desejo.

Esquemáticamente, Greimas representa, assim, este modelo:



A complexificação deste sistema pode tornar-se maior nas suas formas de análise mais detalhada; contudo, aplicado às narrativas que pretendemos estudar, histórias do T.A.T., tal sistema permite-nos um modo de análise pertinente para o psicólogo, pois explicita o papel dos diferentes actores relativamente à projecção do narrador.

Em nossa opinião a maioria das histórias narradas aquando da passagem do T.A.T. são histórias simples que se adequam a este tipo de análise semântica. O narrador projecta-se ao atribuir uma destas funções a cada um dos personagens que intervêm na história.

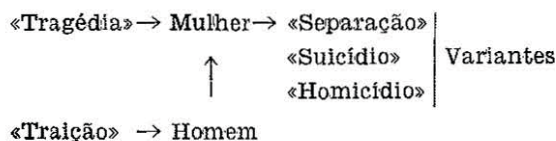
Vejamos o seguinte exemplo para a gravura 13MF, cujos temas mais frequentes numa população masculina revelam «angústia», «remorso», «tristeza» ou «violência»:

«Um casal em que o marido era ciumento, suspeitava da mulher e sempre esperou encontrá-la em flagrante. Como isso tivesse acontecido, desvairado entregou-se ao seu impulso de macho ferido no

seu amor próprio e sufocou a mulher apertando-lhe o pescoço. De momento, já mais a frio, vê que cometeu um crime e tem raiva a si próprio.»

O «sujeito» da narrativa, aquele que desempenha a acção, é o homem da imagem, o «objecto» aquele que sofre a acção, a mulher. A relação sujeito-objecto é determinada pela complementaridade (marido-mulher). O desejo é a projecção paranóide do clúme. O «destinatário» é a tragédia, o destinatário o «sujeito». O «adjuvante» é o «adultério flagrante» e o ficar «ferido no seu amor próprio». Não se identifica um «opponente» explicitado.

De um modo genérico as narrativas desta gravura seguem a seguinte isotopia:



A «história tipo» é uma relação de amor não correspondido entre os dois sujeitos.

Em 17 narrativas analisadas, para esta mesma gravura, apenas cinco não seguiram este padrão. Nas variantes a superação da «tragédia» acontece quando a mulher é salva por outro personagem, ou quando a relação sujeito-objecto é uma relação de amor recíproco.

Vejamos um exemplo da variante:

«Um casal num quarto. Ele com o braço na cara. Ela deitada. Ela está doente e ele não consegue aceitar essa situação. Mais tarde, melhora, vão passear e serão muito felizes.»

Aqui a tragédia foi ultrapassada (magicamente) pelo amor dele. Dado que na maior parte das narrativas o «sujeito» é também o «destinatário», torna-se pertinente a análise dos «adjuvantes» e dos «opponentes», que facilitando ou impedindo a acção do sujeito podem revelar uma problemática conflitiva.

Exemplificando, para a gravura 1, em que o rapaz deseja tornar-se violinista, este desejo pode ser facilitado ou dificultado por outros

personagens da narrativa que importa conhecer. Em 15 narrativas analisadas encontramos os seguintes «adjuvantes»: em sete deles era uma figura parental, geralmente o pai, num os avós, noutro o tio e em dois outros o dador do violino.

Como «opponentes», identificaram-se os seguintes, a falta de talento em quatro casos e os pais em cinco.

Estes actantes, do «eixo do fazer», são importantes para a realização ou frustração do «sujeito», pois, como dissemos, podem facilitar ou impedir essa realização.

«Adjuvantes» e «opponentes» além de personagens poderão ainda ser atributos do «sujeito» ou do «objecto».

Consideremos o seguinte exemplo de narrativa para a gravura 1.

«Este rapaz está a pensar no violino, mas os seus pais são chatos, porque não querem que ele toque música. Ele está a pensar como há-de sair dessa situação, que é na verdade um pouco complicada. Pensa que jamais consegue tocar violino se se submeter aos pais. Deste modo, resolve abandonar a casa dos pais e vai viver com uns amigos.»

Nesta narrativa vê-se de forma clara que o «opponente» são os pais e o «adjuvante» os amigos.

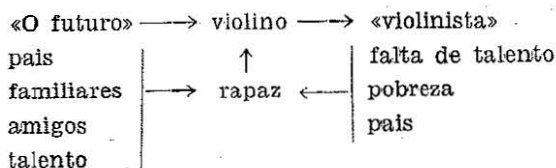
Vejamos agora um exemplo inverso:

«O rapaz gosta de música e, por isso, o pai deu-lhe um violino para ele aprender música. Ele está a sonhar que um dia há-de ser um grande músico. Eu acho que ele conseguirá ser um bom violinista.»

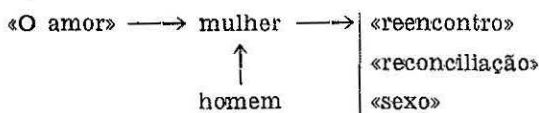
O pai funciona aqui como «adjuvante» do «sujeito».

Para as gravuras de «forte indução conotativa» são as seguintes as isotopias principais:

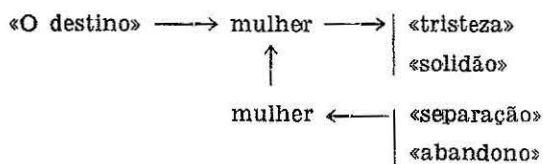
GRAVURA 1



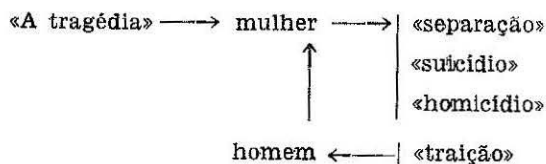
GRAVURA 10



GRAVURA 3BM



GRAVURA 13MF



4. ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES

A análise actancial permite-nos decompor a estrutura de superfície da narrativa nos seus diferentes componentes, analisá-los de forma qualitativa no que se refere à acção do «sujeito» e relacioná-la com outras duas estruturas mais profundas, como a dos «afectos» (ou conotativa) e a do «intelecto» (ou lógica do narrador):

Na perspectiva da lógica do narrador a história relata uma transformação no tempo. O «sujeito» e o «objecto» ou se afastam ou se

aproximam. Partem de um estado de separação (disjuntos — U) para um estado de aproximação (conjuntos — O) ou o inverso.

5. RELAÇÕES ENTRE A INDUÇÃO CONOTATIVA E A ANÁLISE TRANSFORMACIONAL

Para as gravuras de forte indução conotativa verificámos haver uma maior constância estrutural das histórias. O «destinador» é em geral mais estável e os afectos dos personagens estão de acordo com a conotação das gravuras. Relativamente às transformações lógicas verifica-se que para as gravuras de afecto positivo (1 e 10) a lógica de transformação é conjuntiva, para as de afecto negativo (3BM e 13MF) a lógica de transformação é disjuntiva.

No caso das gravuras de *indução média*, em 16 narrativas analisadas para a 6BM, sete revelaram transformação conjuntiva e nove transformação disjuntiva; para 17 narrativas da gravura 20, 12 revelaram transformação disjuntiva e cinco transformação conjuntiva. Para as três gravuras de *indução fraca*, foram as seguintes as transformações encontradas: gravura 5, disjuntivas 6 casos, conjuntivas 11; gravura 12M, conjuntivas 12 casos, disjuntivas 5; gravura 7BM, disjuntivas 9, conjuntivas 9.

6. HISTÓRIAS - TIPO E FANTASIAS PROJECTADAS

O estudo das histórias-tipo e das fantasias projectadas, foi metodologia por nós utilizada quando efectuamos um trabalho sobre «fantasias maternas no pós-parto precoce» (1982). Pretende-se com este tipo de metodologia identificar os invariantes da narrativa sob forma de uma história-padrão, que se poderia designar de *banal*, por ser a mais frequente. De um modo geral estas histórias subentendem uma ideação que revela por sua vez a fantasia projectada pelo sujeito/narrador.

Assim, para a gravura 1 identificamos a seguinte narrativa-tipo: «Rapaz que pensa tornar-se violinista.»

As *fantasias projectadas* relacionam-se, neste caso, com motivos de realização pessoal.

Para a gravura 3BM: «Mulher vivendo grande solidão por abandono ou separação afectiva», as *fantasias projectadas* serão fantasias de abandono.

Gravura 5: «Sujeito vê, ouve ou observa algo estranho.» As *fantasias projectadas* são diversas mas relacionadas com a observação.

Gravura 6BM: «Separação ou reencontro entre filho e mãe.» As *fantasias projectadas* são de «emancipação» ou de «amor filial».

Gravura 7BM: «Relação entre dois indivíduos, geralmente pai e filho, em que o primeiro aconselha o segundo. Este aceita ou não o que se lhe diz.» *Fantasias projectadas* de relação parental.

Gravura 10: «Um homem e uma mulher que se amam, reencontram-se ou reconciliam-se.» *Fantasias projectadas* de conteúdo sexual.

Gravura 12M: «Sujeito que pratica actos sobre o outro tem poderes de o influenciar.» *Fantasias projectadas* de influenciamento ou altruísmo.

Gravura 13MF: «Um dos sujeitos ama o outro mas não é amado por ele.» *Fantasias projectadas* de separação.

Gravura 20: «Homem só, medita na sua vida, sente solidão e tristeza.» *Fantasias projectadas* de abandono.

Quer estas narrativas quer as fantasias com elas relacionadas não são únicas. A sua exposição apenas tem valor relativo de referência para a população estudada.

É de salientar ainda o facto de nas gravuras de forte indução conotativa as histórias e as fantasias seguirem mais frequentemente estes padrões que nas gravuras de indução média ou fraca.

Vejamos agora, de forma resumida, as principais características semânticas das narrativas para as gravuras estudadas.

Gravura 1

História-tipo: «Rapaz que pensa tornar-se violinista.»

Fantasias projectadas: «Fantasias de realização pessoal»

Temas mais frequentes: «pensamento», «reflexão», «sonho» e «frustração».

Indução conotativa: «Forte» (.80)

Conotação: «Afecto positivo».

Transformação actancial: «Conjuntiva»

$S \cup O \rightarrow S \cap O$

Isotopia:

Sujeito = «rapaz»

Objecto = «violino»

Destinador = «o futuro»

Destinatário = «o rapaz»

Adjuvantes = «pais/ familiares/ amigos/ talento».

Oponentes = «pais/ pobreza/ falta de talento».

Gravura 10

História-tipo: «Um homem e uma mulher que se amam, se reencontram ou reconciliam.»

Fantasias projectadas: «Fantasias sexuais.»

Temas mais frequentes: «ternura», «amor», «ansiedade», «contacto», paixão».

Indução conotativa: «Forte» (.84).

Conotação: «Afecto positivo».

Transformação actancial: «Conjuntiva»

$S_1 \cup O \rightarrow S_1 \cap O$

Isotopia:

Sujeito = «homem»

Objecto = «mulher»

Destinador = «o amor»

Destinatário = «reencontro ou reconciliação do sujeito com a mulher».

Adjuvantes = «não definidos»

Oponentes = «não definidos»

Gravura 3BM

História-tipo: «Mulher vivendo grande solidão por abandono ou separação afectiva.»

Fantasias projectadas: «Fantasia de abandono».

Temas mais frequentes: «cansaço», «desespero», «angústia», solidão».

Indução conotativa: «Forte» (.88).

Conotação: «Afecto negativo».

Transformação actancial: «Disjunção»

$S \cap O \rightarrow S \cup O$

Isotopia:

Sujeito = «mulher»

Objecto = «ela própria»

Destinador = «o destino»

Destinatário = «ela própria»

Adjuvante = «não definido»

Oponente = «separação/ abandono».

Gravura 13MF

História-tipo: «Um dos sujeitos ama o outro mas não é amado por ele.»

Fantasia projectada: «Fantasia de separação».

Temas mais frequentes: «angústia», «remorso», «tristeza», «violência».

Indução conotativa: «Forte» (.92).

Conotação: «Afecto negativo».

Transformação actancial: «Disjunção»

$S_1 \cap S_2 \rightarrow S_1 \cup S_2$

Isotopia:

Sujeito = «o homem»

Objecto = «a mulher»

Destinador = «a tragédia»

Destinatário = «tragédia/ separação/ suicídio/ homicídio».

Adjuvante = «traição».

Oponente = «não definido».

Gravura 6BM

História-tipo: «Separação ou reencontro entre filho e mãe.»

Fantasia projectada: «Fantasia de separação ou de amor filial».

Temas mais frequentes: «ansiedade», «angústia», «apreensão», «diálogo», «discurso», «preocupação», «sentimento».

Indução conotativa: «Média» (.70).

Conotação: «Afecto negativo».

Transformação actancial: «Tanto do tipo disjuntivo como conjuntivo».

Isotopia:

Sujeito = «filho»

Objecto = «mãe»

Destinador = «emancipação/ novidade»

Destinatário = «sujeito, que se separa ou se aproxima da mãe».

Adjuvante = «não definido».

Oponente = «não definido».

Gravura 20

História-tipo: «Homem só, medita na sua vida, sente solidão e tristeza.»

Fantasia projectada: «Fantasia de abandono».

Temas mais frequentes: «solidão», «morte», «inverno», «vigília».

Indução conotativa: «Média» (.74).

Conotação: «Afecto negativo».

Transformação actancial: «Predominantemente disjuntiva».

Isotopia:

Sujeito = «homem»

Objecto = «geralmente o próprio sujeito»

Destinador = «destino»

Destinatário = «sujeito, que está só»

Adjuvante = «não definido»

Oponente = «não definido».

Gravura 7BM

História-tipo: «Relação entre dois indivíduos, geralmente pai e filho, em que o primeiro aconselha o segundo. Este aceita ou não o que se lhe diz.»

Fantasia projectada: «Fantasia de relação parental».

Temas mais frequentes: «ansiedade», «conselho», «conversa», «diálogo», «morte».

Indução conotativa: «Frac» (.00).

Conotação: «Não definida».

Transformação actancial: «Tanto disjuntiva como conjuntiva».

Isotopia:

Sujeito = «filho»

Objecto = «pai»

Destinador = «experiência/ sabedoria/ autoridade»

Destinatário = «filho»

Adjuvante = «não definido»

Oponente = «não definido»

Gravura 5

História-tipo: «Sujeito vê, ouve, ou procura algo.»

Fantasia projectada: «Diversas, relacionadas com o espreitar/observar.»

Temas mais frequentes: «curiosidade», «espanto», «familiar», «procura», «surpresa».

Indução conotativa: «Frac» (.40).

Conotação: «Não definida».

Transformação actancial: «Predominantemente conjuntiva».

Isotopia:

Sujeito = «mulher»

Objecto = «alguém»

Destinador = «estranheza/ expectativa/ curiosidade».

Destinatário = «sujeito»

Adjuvante = «não definido»

Oponente = «não definido».

Gravura 12M

História-tipo: «Sujeito que pratica actos sobre o outro, ou tem poderes de o influenciar.»

Fantasias projectadas: «Fantasia de influenciamento».

Temas mais frequentes: «doença», «hipnotismo», «magia», «morte».

Indução conotativa: «Fraca» (0.41).

Conotação: «Não definida».

Transformação actancial: «Conjuntiva».

Isotopia:

Sujeito = «homem»

Objecto = «o outro homem ou mulher».

Destinador = «o mal/ o sobrenatural».

Destinatário = «o sujeito influenciado (objecto)».

Adjuvantes = «poderes do sujeito influenciador».

Oponentes = «doença do objecto».

7. ANÁLISE SEQUENCIAL

Até aqui procedemos à caracterização semântica da narrativa, para determinada amostra, agora iremos considerar a análise sequencial das narrativas dadas por um sujeito às nove gravuras aplicadas. Trata-se de um indivíduo do sexo masculino, de 35 anos, engenheiro, em tratamento ambulatorio (não fazendo parte da amostra).

Gravura 1

Narrativa:

«O pai era violinista de uma orquestra sinfónica e a criança foi educada na música. Acabou de receber uma lição e está deprimida porque a coisa não correu bem como o pai exigia.»

Esta narrativa está de acordo com a história-tipo e com os temas mais frequentes. A fantasia expressa é uma fantasia de fracasso (não realização).

A gravura 1 é uma gravura de forte indução conotativa, mas os afectos são geralmente positivos o que não acontece na narrativa em que o «sujeito» está deprimido.

A transformação actancial não se enquadra em nenhum dos tipos: disjuntivo ou conjuntivo, trata-se de uma «suspensão».

Quanto às particularidades da isotopia actancial, ressalta na narrativa o papel «opponente» do pai, pois tem um elevado nível de exigência que o filho não consegue atingir.

Gravura 3BM

«Uma pequena que está numa fase extraordinariamente deprimida. É uma rapariga que teve um desgosto grande (a mãe morreu, ou o namorado fugiu, etc.). Está a chorar em grande crise.»

Trata-se de uma narrativa de acordo com a história-tipo.

Os temas e as fantasias estão de acordo com o mais frequente.

Esta gravura tem uma forte indução conotativa e o afecto negativo, de acordo com o esperado.

A transformação actancial é uma disjunção, a isotopia está de acordo com o paradigma mais frequente.

Gravura 5

«Na sala está um jovem, de cerca de 15 anos, que está a estudar e a mãe a espreitar, de surpresa, a ver como vão os estudos.»

Esta narrativa enquadra-se na história-tipo. O tema e a fantasia são semelhantes aos mais frequentes para esta gravura.

A transformação actancial é do tipo conjuntivo.

Da isotopia ressalta que: o sujeito e o objecto têm uma relação parental (mãe e filho), em que a mãe observa o comportamento do filho, personagem «fantasmática» (não figurando na gravura) com o qual o narrador se identifica projectivamente. O «objecto» é também o «destinatário» dos cuidados da mãe.

Gravura 6BM

«Ou são testemunhas ou réus, ou estão ligados a um processo que mete tribunais.»

Narrativa que não se enquadra na história-tipo. O narrador denega a relação parental

(mãe-filho) que geralmente é atribuída aos personagens. Eles têm de comum o serem sabedores ou actores de qualquer transgressão ou crime. Embora o tema se possa enquadrar indirectamente nos temas mais frequentes, as fantasias são fantasias de culpabilidade, atípica em relação ao esperado.

A transformação actancial é conjuntiva.

A isotopia será:

Sujeito: o rapaz

Objecto: mulher

Destinador: o saber/ a verdade/ a justiça

Destinatário: os réus ou as testemunhas

Adjuvante: o juiz

Oponente: não definido.

Gravura 7BM

«É um pai que está a dar conselhos ao filho acerca de problemas da sua vida. O filho anda abatido. O pai dá a sua opinião e sugestões de maneira calma, eficiente e sensata.»

Narrativa seguindo a estrutura-tipo. Os temas e as fantasias são concordantes com as mais frequentes.

A conotação para esta gravura não é definida, contudo o afecto do sujeito (filho) é negativo.

A transformação actancial é conjuntiva.

A isotopia actancial segue o padrão para esta gravura.

Gravura 10

«Um homem e uma mulher abraçados. Esta situação ocorreu após uma discussão ou conversa pouco agradável de assuntos difíceis. Chegaram a uma reconciliação. Este quadro traduz a noite em que eles estão calados, após a reconciliação.»

Narrativa de acordo com o padrão esperado. Temas e fantasias também. O afecto projectado é positivo, intenso e dinâmico, de acordo com o esperado.

Quer a transformação actancial quer a isotopia também são típicos.

Gravura 12M

«Uma criança doente numa casa pobre, numa zona subdesenvolvida e o fulano que está aqui, está a hipnotizar ou a adormecer, ou então um padre a benzer uma miúda.»

De qualquer forma a criança está muito mal.»

Narrativa típica, tanto as fantasias como os temas estão de acordo com o esperado. A tonalidade emocional é negativa.

A transformação actancial é uma conjunção.

A isotopia é típica.

Gravura 13MF

«A senhora acabou de morrer e ele, acabando de assistir à sua morte, começou a chorar. É possível que seja o companheiro dela.»

Narrativa parcialmente atípica. Tema e fantasia idêntico aos esperados. A tonalidade emocional é negativa, de acordo com o padrão para esta gravura.

A transformação actancial é uma disjunção.

Isotopia de acordo com a esperada.

Gravura 20

«É uma prostituta, à noite, junto de um candeeiro à espera de clientes.»

Nesta narrativa o narrador atribui ao sujeito o sexo feminino. A narrativa é parcialmente atípica. O tema enquadra-se nos temas esperados, mas as fantasias e o afecto não.

A transformação actancial é conjuntiva.

Na isotopia:

Sujeito: prostituta

Objecto: os clientes

Destinador: a vida

Destinatário: os clientes

Adjuvante: a noite.

8. CONCLUSÃO

Com este trabalho pretendemos apresentar de forma resumida o que consideramos ser uma nova abordagem de codificação das respostas do T.A.T., onde a convergência de diferentes modos de análise das narrativas nos possibilita abarcar não só os aspectos de superfície do discurso como outros mais profundos, ligados aos afectos e à lógica do narrador.

O recurso à metodologia e aos conceitos da linguística, mais propriamente da semântica, justificam-se pelo lugar central que ocupam na psicologia as questões do significado e a própria natureza do material a analisar no T.A.T. Cremos que só após o conhecimento dos diferentes modos de indução conotativa das gravuras, nos será possível estabelecer, com critérios de relatividade, alguma ordem na enorme gama de narrativas encontradas. Constatámos serem mais versáteis as narradas com as gravuras de indução fraca e menos versáteis as narradas com as gravuras de indução forte.

Tratando-se de um trabalho ainda com carácter exploratório, resta estabelecer na prática clínica as relações entre estes códigos e a realidade psicológica e psicopatológica dos sujeitos testados.

RESUMO

Baseando-se em diversos trabalhos que vem efectuando, desde há cerca de dez anos, sobre os aspectos semânticos das gravuras e das histórias do T.A.T., o autor faz uma análise das narrativas deste teste projectivo numa população do sexo masculino.

A aplicação dos métodos linguísticos de análise estrutural das narrativas (modelos actancial e transformacional), de Greimas, permite, em combinação com outras formas de análise (conotação semântica e análise de fantasias), caracterizar sob o ponto de vista semântico as respostas ao teste.

Expõe-se uma tipologia de indução conotativa das gravuras que as classifica em gravuras de indução forte, média e fraca e analisam-se as relações entre estes diversos tipos

de gravuras e a estrutura das narrativas por elas induzidas.

A implicação deste método de análise múltipla, para o diagnóstico psicológico, é ilustrada com alguns casos.

SUMMARY

SEMANTIC PATTERNS OF T.A.T.

In this paper about T.A.T. semantic characterization (pictures and stories) the author analyses this projective test narratives in a healthy male sample.

The author's definition of test responses semantic patterns is based on the Osgood's semantic connotation as well as Greimas' linguistic method of structural analysis and fantasies analysis.

According to these perspectives the author presents a T.A.T. picture typology of semantic connotation induction.

Multiple analysis methods implications to psychologic diagnosis are illustrated with some cases.

REFERÊNCIAS

- COURTÉS, J. (1979) — *Introdução à Semântica Narrativa e Discursiva*, Livraria Almedina, Coimbra.
- GREIMAS, A. J. (1966) — *Semântica Estrutural*. Editora Cultrix, São Paulo.
- OSGOOD, C. (1957) — *The measuring of meaning*, University of Illinois Press, Illinois.
- PROPP, V. (1978) — *Morfologia do Conto*, Vega, Lisboa.
- REIS, F. VARANDA, M. Z. RAMOS, M. H. (1977) — «Conotação Semântica do T.A.T.», *Análise Psicológica* 1: 55-61.
- REIS, F. (1982) — «Que nos dizem as gravuras do T.A.T.», *Psicologia*, 1: 73-81.
- REIS, F. SEQUEIRA, H. (1982) — «Fantasias Maternas no pós-parto precoce», *Psicologia* 3: 173-182.
- SAUSSURE, F. (1971) — *Curso de Linguística Geral*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- TODOROV, T. (1978) — *Simbolismo e Interpretação*. Edições 70, Lisboa.